

Diogo Teixeira de Faria



1867-1927

Helio Begliomini*

Diogo Teixeira de Faria, também conhecido simplesmente por Diogo de Faria, nasceu no estado do Rio de Janeiro em 1867. Ainda enquanto acadêmico de medicina, veio a São Paulo em comissões sanitárias encarregadas de debelar a febre amarela em Jaú, assim como noutras cidades do interior paulista.

Graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina, defendendo tese em 5 de janeiro de 1893 sobre **Patogenia e Formas Clínicas do Puerperismo Infecioso**.

Logo após a sua formatura foi nomeado por Cesário Mota chefe da Comissão Sanitária de Campinas. Iniciou, em seguida, seu trabalho na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, sendo logo indicado para a chefia da 1ª Enfermaria de Medicina em 1895. Tratava seus doentes com muito amor, carinho e humanismo. Prestou grandes serviços aos paulistanos, sobretudo numa época em que grassava a febre amarela.

Atuou também como administrador, na função de chefe do Desinfetório Central, sendo muito estimado pelos seus subordinados. Sucedeu ao insigne Arnaldo Vieira de Carvalho, constituindo-se no terceiro diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia, ocasião em que readaptou os serviços e deu ao antigo hospital novo aspecto estrutural e científico.

Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, silogeu que teve a honra de presidir durante um mandato anual entre 1904-1905. Deu grande impulso às atividades desse sodalício, tornando sua gestão uma das mais destacadas dos primórdios da entidade.

* Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob o patrono de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Rubião Meira, que o sucedeu por duas vezes na presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1905-1906 e 1911-1912), salientava que Diogo de Faria era de uma “fisionomia moral muito semelhante à de Miguel Couto, que, por seu saber e sua bondade, nunca desceu um degrau do ápice da escada em que a popularidade e a sua ciência o colocaram. (...). Ele teve o condão raro de prender na afabilidade admirável de seu caráter, as afeições humanas.”

Arnaldo Vieira de Carvalho, primeiro diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, convidou-o para ser o professor da 1ª cadeira de clínica médica, responsabilidade e honraria que ele declinou.

Diogo de Faria era dotado de grande conhecimento, intuição, tirocínio e notória capacidade de observação. Carlos da Silva Lacaz, seu biógrafo e também presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1962-1963), refere que entre seus pares era “considerado o ‘primeiro ouvido de São Paulo’, tal era a sua sensibilidade na escuta. (...). Carinhoso e dedicado aos enfermos, inspirava ilimitada confiança a todas as famílias pela sua inatacável probidade profissional. Coração largo, caráter varonil, espírito agudo, legou à Santa Casa em doações comovedoras a imensa riqueza dos seus predicados clínicos sem par e das virtudes de homem bom, de homem limpo, de homem correto. Tudo o que ele possuía, tudo esteve até o seu último suspiro ao serviço incondicional da velha Santa Casa”.

Diogo de Faria era muito entusiasmado com o exercício da clínica que lhe absorvia todo seu tempo. Foi médico do conselheiro Antônio da Silva Prado (1840-1929), lavrador, político e notório empresário brasileiro.

Ovídio Pires de Campos que também o sucedeu por duas vezes na presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1918-1919 e 1935-1946), assinalou que “a obra escrita de Diogo de Faria é um nada, um grão de areia em meio à vastidão do seu saber clínico”. Quase nada deixou publicado, conhecendo-se dele apenas alguns trabalhos: um escrito na Gazeta Clínica sobre “Câncer do Fígado”; outro escrito na Revista Médica de São Paulo intitulado “Aorta Abdominal Pulsátil”; além de “Terapêutica das Lesões Cardíacas”; “Tumores do Pâncreas”; estudos sobre o “Mal do Engasgo”; e ação terapêutica de algumas plantas, entre as quais a “tesneira” ou “tanaceto” (*Tannacetum vulgare*), que demonstrou ineditamente *in vivo* suas qualidades peristálticas. Publicou também um opúsculo intitulado **Os Inimigos de Nossos Livros**, obra sobre os insetos papirófagos.

Diogo Teixeira de Faria foi um dos grandes clínicos de São Paulo. Competente, conquistou grande reputação em mais de 30 anos devotados à medicina e à causa pública. Faleceu no auge de sua fama em 1927.

Plínio Barreto (1882-1958), advogado, político e brilhante jornalista de São Paulo, pronunciou as seguintes palavras à beira de seu túmulo: “Poucos o terão igualado e nenhum excedido no carinho, na dedicação, no desprendimento, no amor com que ele deu para a sua obra humanitária, todas as luzes do espírito, todas as energias do caráter e todas as doçuras do coração”.

Diogo Teixeira de Faria é honrado como patrono da cadeira nº 58 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; perenizado num busto em bronze (Figura 1) feito pelo escultor Pinto do Couto em 1928, que se encontra no *Hall* dos Provedores do

Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (ISCMSP); e dá nome a uma rua no bairro de Vila Clementino da cidade de São Paulo.



Figura 1 – Busto em bronze de Diogo Teixeira de Faria feito pelo escultor Pinto do Couto em 1928, que se encontra no *Hall* dos Provedores do Museu da ISCMSP.